

## A necessária desbolsonarização do Brasil

RENATO NUNES BITTENCOURT \*

### Resumo:

O artigo aborda a parcial refração política sofrida pela extrema-direita brasileira representada pelo projeto disruptivo de Jair Bolsonaro e a possibilidade de reorganização de uma agenda política progressista mediante a neutralização necessária dos traços reacionários infiltrados intimamente em nossa estrutura social.

**Palavras-chave:** Reacionarismo; Golpismo; Extrema-Direita; Democracia; Institucionalidade.

### The necessary debolsonarization of Brazil

### Abstract:

The article addresses the partial political refraction suffered by the Brazilian far right represented by Jair Bolsonaro's disruptive project and the possibility of reorganizing a progressive political agenda through the necessary neutralization of reactionary traits closely infiltrated into our social structure.

**Key words:** Reactionism; Golpism; Far Right; Democracy; Institutionalality.



\* **RENATO NUNES BITTENCOURT** é Doutor em Filosofia pelo PPGF-UFRJ. Professor do Curso de Administração da Faculdade de Administração e Ciências Contábeis da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

*A psicologia da conspiração nasce do fato de que as explicações mais evidentes de muitos fatos preocupantes não são satisfatórias e muitas vezes não são aceitas justamente porque são duras de aceitar*  
(ECO, 2017, p. 120).



### Introdução

A derrota eleitoral de Bolsonaro não significa o fenecimento da extrema-direita no cenário político brasileiro. Temos uma chusma de governadores, senadores e deputados estaduais e federais (assim como prefeitos anteriormente eleitos) alinhados intimamente ao projeto bolsonarista que certamente causarão diversos entraves aos projetos progressistas de reorganização estrutural da sociedade brasileira, sem esquecermos das figuras públicas e dignitários alinhados com essas ideias disruptivas e necrófilas. Mas é sempre importante destacar que o espectro aterrador dessa direita odiosa e reacionária existia na sociedade brasileira muito antes da governança disruptiva de Bolsonaro e encontrou nessa torpe figura uma representação conveniente ao seu propósito autoritário e antidemocrático que se posicionava como inimiga de toda pretensa ameaça ao seu modo de vida ressentido e excludente. Com efeito, já no governo golpista de Temer encontramos indícios graves dos descaminhos pelos quais a institucionalidade brasileira

passaria, e esse colapso democrático seria então agravado pela errática condução do combate público aos males da COVID-19 no governo Bolsonaro, somando-se ainda suas interferências criminosas em órgãos públicos que deveriam atuar de maneira independente em relação ao poder executivo.

O bolsonarismo é apenas uma das diversas cabeças da hidra da extrema-direita, obviamente com suas características bastante específicas. Apesar dos crimes eleitorais de Bolsonaro e seus consortes, o projeto conciliário do Presidente Lula venceu essa criminoso estrutura antirrepublicana que colocou as instituições nacionais ao serviço de uma causa pessoal, muito pessoal. No entanto, sabemos claramente que vivemos um momento de reorganização do campo democrático na sociedade brasileira, inclusive exigindo-se necessários acordos com grupos políticos que não são efetivamente baluartes do progressismo de esquerda. O futuro de Bolsonaro é incerto, mas o golpismo fascistoíde da extrema-direita continua ativo, assim como o

fuzilamento de Mussolini não representou o fim do fascismo na face da Terra, tampouco a derrota nazista na Segunda Guerra Mundial promoveu a eliminação de todo resquício dessa asquerosa ideologia. As figuras políticas são eliminadas ou defenestradas, mas seus caracteres permanecem, esse é o grande perigo ao qual devemos atentar e combater em nome do bem-estar da humanidade.

O bolsonarismo, através de seu autoritarismo contumaz, ações corruptivas e procedimentos patrimonialistas, eivou todas as instituições brasileiras. Todo trabalho de depuração dessa nódoa degradante na coisa pública brasileira exigirá um esforço descomunal que não se encerra apenas na eficácia gerencial de um governo ou nas ações democráticas dos atores comprometidos com o genuíno progresso da sociedade brasileira. Nas linhas a seguir abordamos os prejuízos institucionais ocasionados pela governança necrófila de Bolsonaro, lembrando mais uma vez que seus efeitos deletérios e seus fantasmas continuam ainda presentes em nossa estruturação sociopolítica, exigindo assim mobilização democrática permanente para que as barbáries fascistóides da extrema-direita sejam neutralizadas e esse vácuo seja preenchido com pujança social, erradicação da fome, cobertura vacinal para toda a população brasileira, valorização do ciência e da educação, defesa do meio ambiente e dos povos originários, pleno emprego para os trabalhadores, desmilitarização social, reforma do modus operandi das forças de segurança nacional, implementação de uma agenda efetiva de direitos humanos e garantias jurídicas para cada cidadão,

dentre outras urgentes necessidades operacionais no devastado Brasil.<sup>1</sup>

### **A grande doença bolsonarista**

O núcleo duro de devotos de Bolsonaro, acometida por uma grande disfunção cognitiva, age como uma vara de porcos que realiza tudo aquilo que a cúpula disruptiva determina, mas essa mesma cúpula, incluindo-se o infame ex-presidente, apenas anseia em garantir a preservação dos seus privilégios em algum nicho capitalista do mundo sem sofrer as adequadas penalizações por seus delitos contra as instituições brasileiras. Sábias são as corporações e mesmo proeminências que, mediante a derrota eleitoral de Bolsonaro, sensatamente aceitaram a situação e não capitanearam nenhuma ação disruptiva. No entanto, uma grande organização terrorista-golpista, massa de manobra de proeminências de extrema-direita alocadas nos setores estratégicos da sociedade brasileira, empreendeu diversas tentativas de obstrução da marcha democrática em nosso território nacional, bloqueando estradas, açulando quartéis militares para um almejado Golpe de Estado, insuflando o ódio político contra os poderes legalmente instituídos, em geral sempre com a devida leniência dos aparatos de segurança pública, ideologicamente identificados com o discurso reacionário do bolsonarismo. Essas práticas disruptivas não são liberdade de expressão, tal como a canalhice liberalóide-direitista não hesita em propagar em seus canais, mas sim atentados contra o Estado Democrático de Direito. A destruição realizada pelas hordas fascistas em 8 de Janeiro de 2023 não é um ato de vandalismo esporádico, mas a expressão por excelência do anseio

---

<sup>1</sup> Desde 2016 abordo veementemente em diversos artigos a consolidação de forças fascistas na estrutura sociopolítica brasileira e sua inerente periculosidade, tais como podemos averiguar em

BITTENCOURT (2016), BITTENCOURT (2017), BITTENCOURT (2020), BITTENCOURT (2021), BITTENCOURT (2022).

violento do bolsonarismo em impor sua vontade doentia sobre a sociedade brasileira: “Os setores formais, a Constituição, a democracia, não passam de entraves para o poder dos mais fortes” (MANSO, 2020, p. 129).

Sempre é importante salientar que nem todo eleitor de Bolsonaro é um potencial realizador do projeto disruptivo proposto pelo idolatrado mito. Com efeito, muitos desses cidadãos são pessoas razoavelmente decentes, e cabe que interpretemos os motivos dessa adesão incondicional ao discurso bolsonarista tal como se fosse a única possibilidade de salvação política do Brasil. Diversos fatores infundiram em considerável parcela da sociedade brasileira aderência ao projeto bolsonarista. Esses aspectos são absolutamente detestáveis, tais como o discurso hipócrita do moralismo religioso cristão, defesa de uma ideia excludente de família imputada como a única possível, patriotismo oligofrênico e superficial, agenda autoritária-reacionária legitimadora da ditadura militar, golpismo e ojeriza pelas instituições republicanas constituintes do Estado Democrático de Direito, apologia do armamentismo social e da repressão policial, legitimação do discurso de ódio sob as vestes da dita liberdade de expressão, afirmação do individualismo autocentrado de viés ultraliberal, negacionismo científico, valorização da ignorância e da truculência como virtudes fundamentais do apregoado homem viril, dentre outros itens péssimos. De acordo com Luiz Eduardo Soares, “O ódio não cessa de circular nas veias do gigante adormecido. Flui como um rio de sangue cuja fonte nunca deixou de ser a casa-grande” (SOARES, 2019, p. 242).

O verde-amarelo, sagrado símbolo nacional, se transformou no kitsch identitário do gado fascistoide, verde-amarelo que atuou como a mortalha de toda tentativa de se afirmar a lucidez, a

sensatez, a tolerância e a racionalidade crítica perante a massa disforme repleta de ódio e de barbárie. O fantasma do comunismo era constantemente apresentado ao público fiel de seguidores bolsonaristas como o grande inimigo interno e externo para escamotear o nítido núcleo duro fascistoide que se fomentava no cerne de poder. Para o devoto irracionalista da extrema-direita, não há nenhuma vergonha no fato de ser fascista e usar da violência contra os “inimigos da pátria”. O “comunismo” (isto é, toda prática política progressista mesmo que enormemente conciliatória e reformista) é o grande mal a ser eliminado do mundo. Vemos aqui uma repetição do compromisso da plutocracia com as governanças fascistas de outrora, pois as forças do Grande Capital sempre escolhem estruturas de poder que são capazes de reprimir movimentos sociais de base que contestam os imperativos econômicos. O fascismo é consequência imediata de um capitalismo desregulado sob perigo de decomposição. A alta burguesia não se importa com a dignidade da pessoa humana nem com as ordenações democráticas da sociedade, pois se coloca para além da repressão operada pelo status quo. Mercado acima de tudo, coturno acima de todos. Conforme a análise apurada de Daniel Guérin,

Quando o fascismo se apropria do poder, com o coração transbordante de reconhecimento pelosa magnatas que o financiaram, suas palavras e seus atos estão impregnados do liberalismo econômico mais puro. Ele proclama sua intenção de favorecer e proteger, de todas as maneiras, a propriedade privada, a iniciativa individual (GUÉRIN, 2021, p. 230).

Golpistas fascistoídes não são dignos de anistia político-jurídica. São ameaças ao bem-estar social e, portanto, cabe que sejam retiradas momentaneamente do convívio em sociedade para que passem

por um processo radical de transformação interior. Não basta confinar essa chusma reacionária em um presídio, mas inculcar-lhes os valores democráticos fundamentais para que no futuro retornem ao seio social axiologicamente modificados e quem sabe possam contribuir para o bem-estar nacional. Os golpistas são pessoas perigosas para a segurança pública. Daí a importância fundamental em se monitorar os seus atos e os seus discursos. Quando esses golpistas são indivíduos que pertencem aos quadros funcionais da coisa pública, a situação é ainda mais complexa, pois como é possível confiar na dignidade profissional de um indivíduo que não respeita as instituições nacionais e a soberania do Estado Democrático de Direito?

Muitos golpistas são professores universitários, policiais, magistrados, funcionários públicos que, ao realizarem atos disruptivos, se tornam merecedores de todas as punições administrativas legais. Tais golpistas, em um arquitetado rompante de ódio, talvez possam vir a empreender os mais horrendos atentados contra a população caso não sejam convenientemente monitorados. Imaginemos um docente de extrema-direita, adepto da cartilha bolsonarista e assim adverso da política progressista, realizar um massacre contra estudantes e colegas de trabalho em uma universidade pública por não aceitar a derrota eleitoral de Bolsonaro e se sentir ameaçado pelo incipiente retorno da normalidade institucional. Não podemos deixar de analisar também os rompantes ressentidos de celibatários involuntários que, sexualmente insatisfeitos e repletos de ódio pelas políticas afirmativas, capitaneiam diversas ações violentas contra aqueles que são considerados os seus inimigos fundamentais. Não se trata de um temor infundado. Sempre importante destacar: quem defende projetos autoritários-disruptivos

associados ao espectro da extrema-direita não é um cidadão confiável. Em uma necessária reformulação do sistema penal brasileiro, tais pessoas deveriam passar por um lento processo de reeducação social e, caso tenham se engajado efetivamente em atos terroristas de destruição do patrimônio público, que seus bens sejam confiscados para quitar a dívida com a União. Terminado o processo eleitoral conforme os justos critérios eleitorais, cabe ao derrotado aceitar a vitória do rival. Caso contrário abre-se possibilidade de todo tipo de manobra conspiracionista que coloca em risco a segurança institucional do país. Colocar em xeque a lisura das urnas é um desrespeito cabal contra a vontade democrática, e tanto mais grave é o crime quanto maior for a visibilidade social daquele que desrespeita o pleito. O cretinismo ideológico está plenamente inoculado no cerne da direita xucra, e assim os malefícios fascistóides estão sempre na órbita para uma tentativa de dissolução da coisa pública brasileira: “O fascista age em nome da realização do desejo da audiência enquanto, ao mesmo tempo, o manipula. O discurso fascista é, sobretudo, um discurso publicitário que visa um receptor despreparado e embrutecido” (CASARA, 2018, p. 142).

A desbolsonarização do Brasil não acabará de imediato com as ameaças necrófilas da extrema-direita, mas é um processo necessário de neutralização desse espectro antidemocrático presente nos órgãos públicos que deveriam atuar constitucionalmente em defesa do desenvolvimento saudável da sociedade brasileira. Forças Armadas, corporações policiais, órgãos de controle e de fiscalização dos mais diversos matizes operacionais, nada permaneceu livre da contaminação autoritária-patrimonialista-disruptiva do governo Bolsonaro que transformou em capacho para os seus pés a máquina pública brasileira em uma

sórdida confusão de poderes completamente antidemocrática e antirrepublicana, sempre em nome da defesa de Deus, da Pátria, da Família e da Liberdade. A espoliação é a tônica da governança predatória bolsonarista. Não é então exagero afirmar categoricamente que todas as instituições públicas brasileiras foram infestadas pela destrutividade dolosa de Bolsonaro, que de maneira alguma pode ser denominado como incompetente ou louco, tal como o senso comum virtuosamente indignado com suas atrocidades apregoa ao vento. As ações fascistóides de Bolsonaro (não obstante os seus rompantes teatrais que visavam engajar um grande público sedento pelo histrionismo espetaculoso próprio de um sacripanta autoritário) foram sempre arditamente planejadas para melhor desestruturar a vitalidade institucional brasileira, tal como um vampiro que suga todo o sangue da vítima para torná-la em seguida uma serva fervorosa.

Toda tentativa de definirmos o que é Bolsonaro e seus vícios políticos é filosoficamente insuficiente e não é capaz de resolver nosso problema político fundamental, ainda que seja um exercício conceitual importante para realizarmos a necessária neutralização institucional do bolsonarismo. Podemos afirmar que Bolsonaro é fascista, psicopata, genocida e autoritário, predicados negativos que indubitavelmente se acoplam bem em sua personalidade disfuncional, mas que não expressam a complexidade dessa mente degradada e seus atos ímprobos. Sempre importante destacar, mais importante do que denominar Bolsonaro é anular todo o caos que seus procedimentos escusos ocasionaram no cenário social brasileiro. Para Marcia Tiburi,

Nos momentos de crescimento do pensamento autoritário, que necessita da confusão e da ignorância para impedir a reflexão capaz de levar à

democratização da sociedade, verifica-se a demonização do pensamento, como se percebe pela recente criminalização da lógica. Ela faz parte da criação de um mundo delirante. Nenhuma lucidez será perdoada. Pensar sobre algo tornou-se perigoso, em especial para aqueles que vivem da confusão, da exploração da ignorância alheia (TIBURI, 2019, p. 117).

O projeto político de Bolsonaro apresenta uma matriz niilista que visa impedir todo florescimento da vida e do progresso humano em quaisquer das suas funções. Fomos subjugados por um autoritarismo desprovido de qualquer ensejo construtivo em prol do fortalecimento da sociedade brasileira. Todo o palavreado fascistóide-ufanista-moralista-cretino-cristão de Bolsonaro visava apenas hipnotizar a legião de zumbis que acreditaram no seu projeto obscurantista-disruptivo para melhor fortalecer os seus interesses familiares e dos seus fiéis asseclas, tal como um grande mafioso que não hesita em atemorizar, saquear, roubar e matar para manter sua hegemonia sobre a população de um determinado território. Bolsonaro é um inimigo do gênero humano. Uma enorme quantidade de crimes contra a integridade nacional cometidos por milicianos de todas as vestes sob as benções de lideranças religiosas rapinantes dos mais diversos credos, todas elas inimigas dos valores progressistas ainda que manifestados nos matizes mais reformistas. O bolsonarismo depende do medo, do ódio, da agressividade, da glorificação da destrutividade, da perseguição ao diferente, do sangue derramado, do sofrimento multitudinário, da confusão mental, da desesperança e da miséria intelectual para subsistir. Tal como bem resumido por Jessé Souza,

O bolsonarismo utiliza as contradições sociais para manter o clima de guerra

social constante – precisamente o *modus operandi* miliciano: ameaçar e chantagear o tempo todo para extorquir o máximo possível (SOUZA, 2020, p. 186).

No âmbito educacional, uma das realizações orgulhosas de Bolsonaro reside na escola cívico-militar como um novo modelo pedagógico regido pelo respeito incondicional do discente pela autoridade, pelo fervor patriótico e pela educação disciplinar. Diversas objeções são cabíveis para tal empreendimento, como a incompreensão das contradições estruturais da sociedade brasileira e as mazelas sofridas pela família brasileira na sua inerente corrosão de caráter. Muitos núcleos familiares perderam sua capacidade formativa da consciência moral dos jovens e as flutuações econômicas do capitalismo ultraliberal impede planejamentos de longo prazo, fragmentando os laços sociais e ocasionando comportamentos indolentes, autocentrados e descompromissados. A escola não é um oásis alheio aos problemas estruturais que grassam nosso tecido social. A educação cívico-militar pretende criar pessoas dóceis, corpos dóceis, pessoas que agem de maneira instrumental e que seguem diretrizes rígidas de mando-obediência.

As universidades públicas brasileiras, assim como demais instituições de ensino, foram envenenadas pela peçonha bolsonarista. Os projetos liberalóides de cunho privatista são uma afronta ao patrimônio público nacional e colocam em risco a independência intelectual dos projetos de ensino, pesquisa e extensão. As milícias digitais bolsonaristas estabeleceram verdadeiro patrulhamento ideológico contra todo tipo de ação pedagógica considerada contrária ao espírito da direita xucra e seus tentáculos morais. Cursos universitários de setores estratégicos tais como Administração, Direito, Engenharia, Medicina e Economia

deveriam receber uma espécie de intervenção do Ministério da Educação para que seus currículos sejam reformulados adequadamente para uma concepção de sociedade brasileira regida pela plena democracia, pela inclusão social, pelo ambientalismo, pela universalização da saúde pública e da tecnologia, pela ética solidária. Professores e servidores técnico-administrativos alinhados ao reacionarismo social e ao cretinismo ultraliberal inevitavelmente passariam por um processo de reciclagem intelectual, pois todo ser humano pode mudar de perspectiva axiológica e assim contribuir efetivamente para a genuína boa dinâmica da sociedade. Com efeito, a axiologia progressista acredita na regeneração de qualquer ser humano, mesmo que de forma compulsória. Dessa maneira, a comunidade acadêmica seria beneficiada pela mudança das relações institucionais e seus impactos pedagógicos no processo de formação e difusão de conhecimento. *Horribile dictu*, mas muitos oportunistas-carreiristas ocupam cargos públicos sem qualquer compromisso pleno com a grandeza das instituições republicanas e são sabotadores da saúde organizacional da máquina estatal, fundamental para manter a integração estrutural de nossa sociedade. Não se exige pensamento único ao servidor público, mas aquele que defende a estultícia falaciosa do Estado Mínimo não é digno de fazer parte dos quadros organizacionais da coisa pública, restrição axiológica que se aplica a qualquer tipo de cargo. Pode-se criticar erros administrativos dos agentes públicos, pode-se questionar as ações dos mandatários das instituições, mas jamais a dignidade da coisa pública pode ser vilipendiada por aquele que participa de alguma forma de sua comunidade. É conveniente que as ideias de segmentos axiológicos contrários ao establishment público sejam livremente debatidas na

vida acadêmica mas sempre conforme um viés crítico, assim como respeitáveis pesquisadores acerca do fascismo e do nazismo abordam os caracteres medonhos dessas doutrinas para que jamais se repita tais erros humanos nas gerações futuras. O mesmo se aplica ao bolsonarismo. A coisa pública é plural e convém que ela acolha fideístas e conservadores, mas jamais pode coadunar em aceitar passivamente quem defende procedimentos contrários aos princípios básicos da humanidade.

A agenda política nacional deve eliminar todo resquício de moralismo teocrático na realização das suas ações. A laicidade institucional deve imperar justamente para que todo credo religioso seja devidamente respeitado na esfera cabível, a da vida privada. Não é problema se um agente público possuir pudor religioso desde que sua fé não interfira na condução do seu trabalho. Bolsonaro, para arregimentar uma grande parcela eleitoral do povo brasileiro, não hesitou em envernizar o seu discurso disruptivo com distorcidos elementos cristãos de cunho notadamente neopentecostal e seus rudimentos teológicos, sem hesitar em estabelecer associações com outros segmentos cristãos, em uma espécie de falso ecumenismo posto que desprovido das mais profundas e verdadeiras virtudes cristãs, o senso de caridade, o senso de justiça social e, sobretudo, a defesa incondicional da ideia de verdade. Bolsonaro zombou constantemente do credo cristão em seu maléfico modo de governar, não apenas através de seus caracteres grotescos de triste memória como também ao manipular ao seu bel prazer a experiência cristã da verdade. Para Bolsonaro a fé cristã é letra morta e é apenas um recurso instrumental para atrair o séquito de moralistas cretinizados. Sabemos claramente o quanto a agenda política brasileira foi degradada pela promiscuidade antirrepublicana entre a governança bolsonarista e sórdidas

lideranças religiosas apenas preocupadas em preservar o seu patrimônio conquistado pela espoliação da fé dos crentes. Um debate fundamental para a saúde pública tal como a questão do aborto foi desvirtuado por preconceitos teocráticos do mais baixo nível intelectual. Não podemos ainda esquecer que religiões de matriz africana e dos povos originários foram terrivelmente cerceadas por bandidos travestidos de cristãos com o devido amparo legal de agentes públicos ao serviço do reacionarismo bolsonarista e de sua inerente violência. Em nome de Deus as armas se tornaram o instrumento da realização do credo fascistóide e santarrão do bolsonarismo, sob as bençãos indignas de fariseus preocupados apenas com a salvação das suas finanças. Qual a função social de uma seita apenas comprometida com a perpetuação da ignorância e da miséria dos seus fiéis? Religiões que pregam intolerância contra todas os credos distintos e que atuam como células golpistas para histéricos embrutecidos não estão ao serviço da verdade fé, mas do obscurantismo teocrático e melhor seria se esses templos de ódio fossem destruídos para que cedessem lugar para escolas, bibliotecas, cinemas e parques. A vida floresceria muito melhor assim.

### **Considerações finais**

Uma sociedade cujas instituições republicanas são continuamente ameaçadas por movimentos disruptivos-golpistas não pode relaxar após uma vitória parcial das suas forças democráticas. A vigilância constante e a mobilização progressista são essenciais para preencher os espaços deixados pela devastação fascistóide na estrutura social brasileira. A extrema-direita prospera onde há desencanto social e perda do contato do núcleo político com as bases populares. Por isso urge a reconstrução de um projeto de país comprometido com o

desenvolvimento social integrador, dignas oportunidades trabalhistas com emprego pleno, investimento maciço em saúde pública e saneamento básico, elaboração de um projeto educacional emancipador e que capacite para as inovações informacionais-tecnológicas, mudança na estratégia operacional da segurança pública, um grande plano nacional de habitação popular, mudança na configuração do sistema de transportes, assim como proteção integral aos direitos humanos e uma agenda ecológica em defesa da Biosfera. Em nosso estágio civilizacional, somente a esquerda é apta em cumprir esse plano democrático, ainda que seja uma esquerda reformista-conciliatória que dependa de articulações políticas com segmentos da direita moderada (usualmente oportunista e pragmática) para manter sua necessária viabilidade governamental. Alguns recuos programáticos são inevitáveis em nome de uma democratizante causa maior, pois não adianta acreditarmos que basta uma radical vontade revolucionária para defenestramos as forças fascistas que ainda se encontram subjacentes em nosso tecido social. É mister um choque de democracia na máquina estatal brasileira e nos seus organismos fundamentais, para que em longo prazo tenhamos órgãos públicos comprometidos com o bem-estar socioambiental, circunstância que também afetará diretamente as instituições privadas que majoritariamente visam a otimização da rentabilidade financeira. Por isso a responsabilidade social é mais importante em gênero, número e grau em relação ao ditames da limitadora responsabilidade fiscal que tanto agrada aos tentáculos do mercado. Economia desvinculada da democracia descamba no reacionarismo social, porta de entrada para o fascismo e suas reconfigurações organizacionais, e assim somente uma gestão política que coloque a economia ao

serviço da democracia substantiva poderá colocar o país nos rumos de um futuro mais salutar para todas as formas de vida que nele habitam.

#### Referências

BITTENCOURT, Renato Nunes. Bolsonaro-Moloch. **Revista Espaço Acadêmico** n. 231, p.230-243, 2021.

\_\_\_\_\_. Coprofagia governamental, aberrações políticas e destruição institucional. **Revista Espaço Acadêmico** n. 220, p.102-113, 2020.

\_\_\_\_\_. O desmantelamento da Universidade Pública pelo ódio temerário ao conhecimento, **Revista Espaço Acadêmico** n. 197, p.145-154, 2017.

\_\_\_\_\_. Direita embrutecida e oligofrênica. **Revista Espaço Acadêmico** n. 235, p.167-174, 2022.

\_\_\_\_\_. Golpismo, doença congênita do fascismo. **Revista Espaço Acadêmico** n. 180, p. 38-50, 2016.

CASARA, Rubens R. R. **Sociedade sem Lei: pós-democracia, personalidade autoritária, idiotização e barbárie**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

ECO, Umberto. **Pape Satàn Aleppe: crônicas de uma sociedade líquida**. Trad. de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2017.

GUÉRIN, Daniel. **Fascismo e Grande Capital**. Trad. de Lara Christina de Malimpensa. Campinas: Ed. UNICAMP, 2021.

MANSO, Bruno Paes. **A República das Milícias: dos esquadrões da morte à Era Bolsonaro**. São Paulo: Todavia, 2020.

SOARES, Luiz Eduardo. **O Brasil e seu Duplo**. São Paulo: Todavia, 2019.

SOUZA, Jessé. **A Guerra contra o Brasil**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2020.

TIBURI, Marcia. **Delírios do Poder: psicopoder e loucura coletiva na era da desinformação**. Rio de Janeiro: Record, 2019.

Recebido em 2023-02-22  
Publicado em 2023-03-13